

Escravos da Mauá: fim de um ciclo do Carnaval

Três festas para celebrar o bloco: roda de samba do Prata Preta, na Praça da Harmonia (10), festa de 30 Anos (17) e roda de samba na Prainha (23/10)

Por **Rita Fernandes** Atualizado em 9 set 2022, 18h26 - Publicado em 9 set 2022, 18h05



O mais lírico dos blocos da Sebastiana, com seu abre-alas de pernas-de pau, vai deixar de desfilas a partir de 2023. Publius Vergilius - Sebastiana/Arquivo pessoal

O Carnaval de 2023 não será igual àquele que passou. E talvez esse seja um dos textos mais difíceis que eu tenha que escrever. O bloco Escravos da Mauá, o nosso bloco azul e amarelo que desfilava no domingo anterior ao carnaval, anunciou recentemente que não vai mais desfilas, deixando a cidade mais triste com o fim de um ciclo importante do carnaval de rua. A notícia caiu como uma bomba no meio, que não entendeu como um dos mais bonitos e importantes blocos da cena carioca podia terminar assim, de uma hora para a outra. Justo quando teremos de novo o carnaval de rua, após dois longos anos de reclusão pandêmica. Mas tudo tem sua razão, e os diretores entenderam que o fim de um ciclo se anunciou.

Para marcar esse encerramento, três homenagens. A primeira é sábado (10), às 17h, quando o bloco Prata Preta, que surgiu na esteira da ocupação da região portuária seguindo os Escravos da Mauá, faz homenagem ao bloco azul e amarelo na Praça da Harmonia. A segunda, já com ingressos esgotados, é a festa dos 30 Anos dos Escravos da Mauá (17), no Circo Crescer e Viver, na Praça Onze. Como a capacidade da casa foi atingida rapidamente e muita gente ficou de fora, o bloco decidiu fazer uma roda de samba (23/10), às 17h, aberta e livre, no Largo de São Francisco da Prainha, a sua “sede social a céu aberto”, local de onde o bloco saía e realizava suas famosas rodas de samba.

Fundado em 1992 por um grupo de profissionais do Instituto Nacional de Tecnologia – o INT, que fica ali na região portuária -, o bloco foi o responsável por dar visibilidade àquela área, que estava totalmente abandonada pelo poder público. A Praça Mauá era completamente diferente do que é hoje, sem a exuberância dos museus, do Amanhã e MAR.

PUBLICIDADE



Desfile dos Escravos da Mauá – 2020 Sebastiana/Arquivo pessoal

“Onde hoje está o Museu do Amanhã havia um píer interditado, abandonado. Um terminal rodoviário e uma delegacia da polícia civil ocupavam o prédio onde atualmente navega exuberante o MAR, Museu de Arte do Rio. O elevador da Perimetral e os maltratados armazéns portuários escondiam completamente a vista da Baía de Guanabara. A Mauá era um lugar de passagem cuja verdadeira identidade, construída mais de cem anos antes, andava escondida, perdida no trânsito dos que vinham e seguiam distraídos, para algum outro lugar”, relata a carta aos foliões que o bloco publicou nas suas redes sociais para anunciar seu encerramento.

“Não é que tenha terminado, a gente sentiu que era o momento oportuno para fechar esse ciclo, porque quando um se fecha, abre-se outro. É um momento de celebrar a trajetória de 30 anos e, quando a gente lembra de tudo, de alguma forma, temos a sensação de termos cumprido um papel e agora é o momento para dar espaço”, explicou o presidente do bloco Escravos da Mauá, Ricardo Sarmiento Costa.

O bloco mais lírico do Rio

Conhecido por seus sambas que destoam totalmente dos atuais, de cadência acelerada, o bloco Escravos da Mauá sempre honrou as raízes do samba fincadas naquela região, com 26 sambas compostos por eles, todos líricos, melódiosos. “Boa

companhia faz o dia clarear, amizade é o melhor remédio”, “Alô me diz como é que faz, pra não morrer durante a seca. Como a lagarta do sertão sabe resistir, e sai voando borboleta”, “Desce o morro, Conceição, tira as pedras do cais do meu coração...”, tantos e tantos sambas que aprendemos a cantar ali no calor dos desfiles, letras imensas, melodias difíceis, a cara dos Escravos da Mauá. E a gente cantando tudo...

“Em particular, para nós, que estávamos na condução de um bloco carnavalesco, a história do samba e de seus baluartes, João da Bahiana, Donga, Sinhô, Pixinguinha, Tia Ciata, tornaram-se enredos obrigatórios. Foram 26 sambas feitos sob medida para celebrar essas raízes. Os infames navios negreiros e suas dores, o cais do Valongo e os armazéns da Camerino, os cortiços, o bota-abaixo, a Revolta da Vacina na praça da Harmonia, o Almirante Negro na Revolta da Chibata, a estiva, a formação do movimento sindical, a Rádio Nacional, as boates da Praça Mauá, a influência portuguesa e dos indígenas, os artistas de rua, a evolução urbana da cidade, a Central do Brasil, dentre tantas outras imagens e lembranças”, diz o texto da carta.



Publius Vergilius - Sebastiana/Arquivo pessoal

Em 1998, o bloco produziu um CD-Rom (sim, naquela época era o que havia de mais moderno!) intitulado Circuito Mauá: Saúde, Gamboa e Santo Cristo, hoje atualizado e reinventado no site que estão inaugurando na data da festa de 30 anos.

E foram inúmeras as rodas de samba do bloco, estreladas pelo Fabuloso Grupo Eu Canto Samba, e que contaram com participações pra lá de especiais de outros “fabulosos”, como Beth Carvalho, Aldir Blanc, Moacyr Luz, Claudio Camunguelo, Luiz Carlos da Vila, Walter Alfaiate, Zé Luiz do Império, Xangô da Mangueira, Zé da Velha, Simone Lial. Pensar hoje nessa ocupação de um território que está povoado de bares e de manifestações culturais pode parecer banal, mas não é. Ninguém estava ali, ninguém acredita naquele território.

